

CAPÍTULO 3

PALESTRAS RADIOFÔNICAS DE WINNICOTT

Penso que o mais importante é que você sinta facilmente que vale a pena conhecer seu bebê como pessoa. Ninguém que vier a dar um conselho saberá disso tão bem como você mesmo.¹ (Winnicott, tradução nossa)

Winnicott, como pediatra que foi, interessou-se pela psicanálise, de tal modo que seus atendimentos passaram a ser norteados mais pelos conhecimentos do psiquismo, tornando-o um grande psicanalista. E, nessa condição, ele se interessou em fornecer às mães não só uma escuta psicanalítica, mas informações que contribuíssem para a saúde mental de seus filhos de uma forma mais acessível via rádio. Ele se comunicava com as mães de forma empática, não indicando receitas de cuidados dos filhos, pois acreditava que isso não era possível.

Assim, Winnicott realizou palestras na rádio BBC Londres direcionadas às mães, com intuito de ajudá-las na criação de seus filhos, incentivando a intuição materna. No prefácio da obra *Conversando com os pais* (1993/1999) consta que Winnicott produziu cinquenta palestras no período de 1939 a 1962, em sua maioria dedicadas aos pais. Na obra citada, foram encontradas nove palestras radiofônicas após 1955 e cons-

1 Texto original: “I think the most important thing is that you easily feel that your baby is worth getting to know as a person. No one who comes to give you advice will ever know this as well as you know it yourself”. *The ‘good enough’ mother*. BBC News, Witness History. 13 nov. 2020, 10 min., Disponível em: <https://www.bbc.co.uk/sounds/play/w3cszmvv>. Acesso em: 25 nov. 2021.

tam dois artigos escritos não destinados ao rádio. Também localizamos duas palestras radiofônicas em *Privação e delinquência* (1984/2012), duas em *A família e o desenvolvimento individual* (1965/2011) e quatro em *Os bebês e suas mães* (1987), obras do mesmo autor.

Winnicott não apreciava dar conselhos em sua vida profissional. Acreditava que a saúde era muito mais difícil de gerir que a doença. Porém, supunha que a maioria das mães e dos bebês eram saudáveis, e que não cabia aos médicos e às enfermeiras dar conselhos de vida e de psicologia às pacientes.

Em 18 de outubro de 1970, ao palestrar para médicos e enfermeiros na Igreja de São Lucas, em Hatfield, Winnicott inaugurou uma nova ética em sua atuação profissional: a ética do cuidado. Segundo Winnicott, o ato de cuidar faz parte da prática médica e deve integrar o tratamento da doença do paciente e de sua cura.

A preocupação de Winnicott com o cuidado fica evidente quando se imagina no lugar dos pacientes: “talvez possamos ver melhor e com mais facilidade as falhas de nossos colegas quando somos pacientes...” (1970/2011, p. 107). No texto “A cura”, podemos observar a atenção especial ao cuidado ao citar as palavras *dependência* e *confiabilidade* na seguinte passagem:

O que as pessoas querem de nós, médicos e enfermeiros? O que queremos de nossos colegas, quando somos nós que ficamos imaturos, doentes ou velhos? Essas condições – imaturidade, doença e velhice – trazem consigo a dependência. Segue-se que é necessário haver confiabilidade. Como médicos, assistentes sociais e enfermeiros, somos chamados a ser confiáveis de modo humano (e não mecânico), a ter confiabilidade construída sobre nossa atitude geral. (Vou presumir no momento nossa capacidade para reconhecer a dependência e nos adaptarmos ao que encontrarmos.) (WINNICOTT, 1970/2011, p. 106, grifos nossos)

Além disso, Winnicott entendia que essa ética do cuidado possuía alguns princípios. Para ele, não havia hierarquia entre o profissional da saúde e o paciente, e sim uma relação interpessoal, “dois seres humanos no mesmo nível” (WINNICOTT, 1970/2011, p. 108). Acreditava que tanto médico quanto paciente são doentes e que ambos precisam uns dos outros, são dependentes; por uma questão de circunstância, na situação em que o paciente pede ajuda ao médico, o paciente é o doente, pois é ele quem necessita do cuidado.

Os moralismos não fazem parte do tratamento do paciente, pois o julgamento não é uma atitude de cuidado. A verdade está sempre presente na relação cuidador-paciente, sendo o médico honesto e verdadeiro com seu paciente. O médico é profissionalmente confiável para o seu paciente, antecipando os acontecimentos e protegendo os pacientes de imprevistos, visando a diminuição de ansiedades. Cabe ao médico ter a

capacidade de identificações com o paciente, sem retaliar o ódio com posturas cruéis. Winnicott não se vangloriava com a gratidão exagerada dos pacientes, pois poderia haver forças de vingança latentes.

O cuidado também está associado à sustentação que a mãe oferece aos seus filhos, que se inicia desde o útero, ao carregar a barriga, depois no colo, ao segurar o bebê, e ao longo do desenvolvimento da criança até a vida adulta, com sua presença e apoio. Esse tipo de cuidado se reproduz na relação médico-paciente por meio da segurança que o médico transmite ao paciente, com seu conhecimento científico, sua postura profissional e sua humanidade.

E, por fim, Winnicott considera a maternagem satisfatória como cuidado, sendo parte mais importante para o mundo do que o tratamento. Traduzindo isso para a relação médico-paciente, o médico atua eticamente quando oferece atendimento e tratamento personalizados ao paciente, de acordo com as necessidades específicas dele, visando ao amadurecimento saudável do indivíduo. Para ele, o cuidado era uma cura antecipada, uma medicina preventiva exercida pelos médicos, pelas mães e pelos pais.

No texto “Assistência residencial como terapia” ([1970-1984]/2012), elencou algumas características do ambiente a serem observadas para que os pacientes fossem acolhidos nesse tipo de terapia: a confiabilidade humana no analista como uma pessoa falível como qualquer outra, porém capaz de dar assistência e sustentar a previsibilidade para os pacientes; o analista como representante da segurança suficientemente boa do ambiente que foi perdida ou interrompida em uma fase anterior da vida; o analista não podendo assumir uma atitude moralista com seu paciente; o analista não podendo esperar gratidão de seu paciente, e sim ser grato pelo fato de que o paciente precisa dele; o analista como capaz de sobreviver aos ataques do paciente de forma amorosa, sem interrupção e retaliação.

Para Fulgencio (2020), a ética do cuidado de Winnicott está baseada na capacidade de brincar, na espontaneidade e na criatividade nos modos de ser no mundo e nas relações interpessoais, tendo como critério a saúde, que são as principais diretrizes do tratamento psicanalítico.

Por sua vez, Loparic (2013) define a ética do cuidado como a aceitação da responsabilidade pelo cuidador das condições que viabilizam a continuidade da existência psicossomática do indivíduo e sua provisão ambiental. Além disso, a ética do cuidado consiste em auxiliar o indivíduo a reconhecer e reparar os danos causados a outrem.

As palestras radiofônicas constam nos livros *Privação e delinquência* (1984/2012), *Conversando com os pais* (1993/1999), *Os bebês e suas mães* (1987/2012; 2020) e *A família e o desenvolvimento individual* (1965/2011). As palestras denominadas “Segurança” (1960), dos livros *Conversando com os pais* e *A família e o desenvolvimento individual*, apresentam o mesmo conteúdo. O mesmo acontece com as palestras: “Agora estão com cinco anos” (1962), do livro *Conversando com os pais*, e “A criança de cinco anos” (1962), do livro *A família e o desenvolvimento individual*. Textos inéditos foram localizados no livro *Os bebês e suas mães*, disponibilizados pela *Oxford Clinical Psy-*

chology.² São eles: “Esperando pela chegada do bebê” (1945); “Conhecendo seu bebê” (1945) e “Cartas das minhas ouvintes” (1952).

As palestras radiofônicas são:

- “A mãe separada do filho” (1939) – *Privação e delinquência*;
- “De novo em casa” (1945) – *Privação e delinquência*;
- “Esperando pela chegada do bebê” (1945) – *Os bebês e suas mães* (texto inédito);
- “Conhecendo seu bebê” (1945) – *Os bebês e suas mães* (texto inédito);
- “Saber e aprender” (1950) – *Os bebês e suas mães*;
- “Cartas das minhas ouvintes” (1952) – *Os bebês e suas mães* (texto inédito);
- “Madrastas e padrastos” (1955) – *Conversando com os pais*;
- “O que sabemos a respeito de bebês que chupam pano?” (1956) – *Conversando com os pais*;
- “Dizer ‘não’” (1960) – *Conversando com os pais*;
- “Ciúme” (1960) – *Conversando com os pais*;
- “O que irrita” (1960) – *Conversando com os pais*;
- “Segurança” (1960) – *Conversando com os pais*;
- “Sentimento de culpa” (1961) – *Conversando com os pais*;
- “O desenvolvimento do sentido de certo e errado de uma criança” (1962) – *Conversando com os pais*;
- “Agora estão com cinco anos” (1962) – *Conversando com os pais*;
- “Segurança” (1965) – *A família e o desenvolvimento individual*;
- “A criança de cinco anos” (1965) – *A família e o desenvolvimento individual*.

Para nosso objetivo, utilizaremos algumas categorias para identificar a ética do cuidado contida nas palestras, as quais foram estabelecidas da seguinte forma:

As categorias Maternagem satisfatória, Sustentação/segurança, Confiabilidade, Dependência, Sobrevivência, Humanidade/falibilidade, Verdade, Moralismos e gratidão foram retiradas a partir do texto “A cura” (1970/2011), do livro *Tudo começa em casa* de D. W. Winnicott; e as categorias Responsabilidade e Reparação de danos foram extraídas do item “O sentido ético do cuidado em Winnicott”, do livro *Winnicott e a ética do cuidado*, de Zeljko Loparic (2013).

2 Disponível em: <https://www.oxfordclinicalpsych.com/view/10.1093/med:psych/9780190271442.001.0001/med-9780190271442-chapter-11>. Acesso em: 11 jan. 2022.

3.1 MATERNAGEM SATISFATÓRIA

Em vários momentos de sua vasta obra, Winnicott mencionou o que considerava uma mãe suficientemente boa ou uma mãe devotada comum, de onde podemos deduzir a maternagem satisfatória.

Apenas para retomar o conceito, a maternagem satisfatória pode ser compreendida como o conjunto de cuidados maternos que atendem às necessidades do bebê ou da criança e que contribuem para o seu amadurecimento emocional saudável. A mãe suficientemente boa atende às necessidades dos impulsos primitivos e às necessidades do ego do bebê e o capacita a transformar uma falha de adaptação em êxito adaptativo com a atividade mental (WINNICOTT, [1951-1949]/2000). A mãe suficientemente boa é a que frustra as necessidades do filho de forma gradativa no decorrer de seu desenvolvimento e não tem ressentimentos com ele, independentemente de seu nível intelectual (WINNICOTT, 1971/2019b).

Winnicott já se preocupava, naquela época, em transmitir uma imagem de mãe não idealizada e valorizar a função materna como a base da saúde mental do indivíduo e fator determinante no amadurecimento de uma sociedade.

A seguir, comentamos alguns fragmentos das palestras radiofônicas, nas quais destacamos a maternagem satisfatória:

3.1.1 “A MÃE SEPARADA DO FILHO” – PRIVAÇÃO E DELINQUÊNCIA

Por que se pede aos pais que façam sacrifícios tão grandes? [...] É razoável que se defenda o ponto de vista de que os pais são tão importantes quanto as crianças, e de que é sentimentalismo supor que os sentimentos dos pais devem ser necessariamente sacrificados pelo bem e a felicidade dos filhos (WINNICOTT, [1939-1984]/2012), p. 33).

Winnicott questiona por que a sociedade cobra tantos sacrifícios dos pais, por que é tão exigente com eles. Além disso, defende que os pais são tão importantes quanto os filhos, humanizando-os. Para o autor, não é razoável os pais fazerem tudo pela felicidade dos filhos e deixarem suas necessidades de lado. Ele pretendia desidealizar a relação parental e tratá-la sem sentimentalismo, por ser muito maléfico à mãe.

O sentimentalismo é a negação do ódio. Fazem parte do materno o ódio e o amor da mãe pelo bebê. No entanto, ainda é muito difícil para as mães admitirem seu ódio pelos filhos, ante a idealização da imagem materna e o julgamento que as mães sofrem na sociedade. Todavia, é justamente a admissão do ódio e sua elaboração interna que permitirão à mãe o exercício satisfatório da maternagem, pois assim ela terá condições de não o lançar ao bebê:

A mãe deve ser capaz de tolerar o sentimento de ódio contra o bebê sem fazer nada a esse respeito. Ela não pode expressá-lo para ele. No caso de temer a sua própria reação, ela não conseguirá odiar adequadamente quando machucada, e poderá cair no masoquismo, e a meu ver é isto que leva à falsa teoria de um masoquismo natural às mulheres. O ponto mais interessante a respeito da mãe é a sua capacidade de ser tão agredida e sentir tanto ódio por seu bebê sem vingar-se dele, e sua aptidão para esperar por recompensas que podem vir ou não muito mais tarde. (WINNICOTT, [1947/2000], p. 286)

3.1.2 “DE NOVO EM CASA” – PRIVAÇÃO E DELINQUÊNCIA

muitas pessoas estão olhando para seus filhos, imaginando o que eles devem estar pensando e sentindo, e perguntando-se também se serão capazes de dar às crianças tudo o que elas querem e necessitam. (WINNICOTT, [1945-1984]/2012], p. 53)

No cenário de pós-Segunda Guerra, quando os filhos evacuados retornavam a suas casas, tanto as mães como os filhos tinham de se readaptar a um novo processo de convivência. Nesse contexto, as mães ficavam pensando se dariam conta das necessidades dos filhos, pois na vida do campo tinham acesso a coisas que elas não poderiam oferecer, como vacas e porcos, verduras e ovos frescos, jogos e trabalhos manuais.

Essa capacidade das mães de se identificar com as necessidades dos filhos, de imaginar o que eles podem estar pensando e sentindo pode se caracterizar como maternagem satisfatória.

Na minha opinião, o mais comovente é que na hora das refeições todas essas crianças correm para casa para comer refeições preparadas pelas suas próprias mães. Comer em casa significa muito, quer para a mãe que tem o trabalho de obter os alimentos e de cozinhá-los, quer para as crianças que os comem! E ainda há a hora do banho, a hora de ir para a cama e o beijo de boa-noite; todas essas coisas fazem parte da privacidade e nós não as vemos, mas sabemos que elas existem. Essa é a substância de que se faz um lar. (WINNICOTT, [1945-1984]/2012], p. 54)

Winnicott descreve, nessa passagem, atividades comuns do cotidiano das famílias e que ocorrem dentro da intimidade de um lar: comer a comida da mãe em casa, hora do banho, hora de ir para a cama, o beijo de boa noite. Todos esses rituais compõem um ambiente que tem a função de ser suficientemente bom, assim como a mãe.

3.1.3 “MADRASTAS E PADRASTOS” – CONVERSANDO COM OS PAIS

a devoção da mãe num estágio muito inicial proporcionou as condições essenciais que a habilitam a começar existindo como pessoa, com direitos pessoais, impulsos pessoais e uma técnica pessoal de vida. (WINNICOTT, [1955-1993]/1999], pp. 11-12)

A maternagem satisfatória, quando bem exercida nos primórdios da vida do bebê, oferece condições para que ele continue existindo e conquiste o estado de ser uma pessoa na vida. Para isso, é preciso que a mãe seja a pessoa específica a prestar a assistência pessoal de cuidados ao bebê ou quem concebeu e gerou o bebê porque é quem tem o interesse na vida do bebê e se apresenta como o mundo para ele:

A mãe aceita todo o trabalho porque sente (e acho correto que ela sinta) que, se o bebê tiver que desenvolver-se bem e com abundância de princípios, é preciso que haja uma assistência materna pessoal desde o começo, se possível pela própria pessoa que concebeu e gerou o bebê, aquela pessoa que tem um interesse profundamente arraigado em aceitar o ponto de vista do bebê e adora consentir em ser o mundo todo para ele. (WINNICOTT, 1964/2013b, pp. 98-99)

3.1.4 “O QUE SABEMOS A RESPEITO DE BEBÊS QUE CHUPAM PANO?” – CONVERSANDO COM OS PAIS

Quando você se adapta às necessidades e aos ritmos pessoais do seu bebê no começo, está habilitando esse principiante a firmar-se na sela durante a corrida, inclusive a montar o seu próprio cavalo e a gostar de cavalgar por puro prazer. (WINNICOTT, [1956-1993]/1999], p. 25)

Para Winnicott, respeitar os ritmos do bebê é um sinal de maternagem suficientemente boa da mãe e faz parte de sua comunicação inconsciente com o bebê. Essa comunicação da mãe com o bebê não precisa ser verbalizada. Ela pode se dar “pelas batidas do coração da mãe, pelo ritmo da respiração dela, pelo vaivém das tensões instintivas ou por uma série de outros dispositivos mecânicos” (WINNICOTT, 1968/2020b, p. 111).

3.1.5 “O QUE IRRITA?” – CONVERSANDO COM OS PAIS

Isso é uma outra coisa que pode ser irritante, a adaptação ao ritmo de cada criança. Por temperamento, algumas crianças são mais lentas do que suas mães e algumas são mais rápidas. É um grande problema para a mãe adaptar-se às necessidades de cada criança nessa questão de rapidez e morosidade. Especialmente irritante é a tarefa de adaptação de uma mãe rápida a uma criança algo atrasada em seu desenvolvimento. Contudo, se a criança e a mãe perdem o contato entre elas nessa questão de timing, a criança perde a capacidade para agir, torna-se estúpida, deixa tudo, cada vez mais, aos cuidados da mãe ou da babá. Para a criança, é igualmente ruim quando ela é rápida e a mãe é lenta, como é fácil de imaginar. (WINNICOTT, [1960-1993]/1999b, p. 96)

Ser uma mãe suficientemente boa também é adaptar-se aos ritmos próprios de cada criança. Na relação mãe-filho, cabe à mãe perceber o temperamento e o tempo em que o filho exerce suas atividades e relacionar-se com ele de acordo com o que se apresenta.

3.1.6 “DIZER ‘NÃO’” – CONVERSANDO COM OS PAIS

a capacidade de uma mãe de adaptação à necessidade do bebê de uma iniciação sem complicações a algo que deve necessariamente ir ficando cada vez mais complexo. (WINNICOTT, [1960/1999, p. 39)

O desenvolvimento físico e emocional de um bebê fica cada vez mais complexo com o passar do tempo. A mãe tem de ser capaz de adaptar-se às necessidades primitivas do bebê, protegendo-o de possíveis perturbações. Nessa linha, primeiro a mãe diz não ao mundo, impedindo que coisas inesperadas aconteçam. Depois, diz não ao filho, ao introduzir o princípio de realidade (WINNICOTT, [1960-1993]/1999).

3.1.7 “CIÚME” – CONVERSANDO COM OS PAIS

Muito mais poderia ser dito mas talvez isso seja suficiente para mostrar que quando o ciúme desaparece é por causa do desenvolvimento que ocorreu na criança, possibilitado por uma boa e sistemática atenção às suas necessidades. (WINNICOTT, [1960-1993]/1999, p. 68)

Winnicott afirma que o ciúme decorre do fato de que as crianças amam, e que é normal e saudável. O ciúme desaparece quando a criança usufruiu de amor e se sentiu satisfeita porque suas necessidades foram atendidas pelos pais. Daí a criança pode renunciar ao ciúme em favor de outra pessoa (WINNICOTT, [1960-1993]/1999).

3.1.8 “SEGURANÇA” – CONVERSANDO COM OS PAIS

quero referir-me à contribuição ambiental, o papel que desempenhamos e o papel que a sociedade desempenha em relação a nós. É o meio circundante que possibilita a cada criança crescer, e sem adequada confiabilidade ambiental o crescimento pessoal de uma criança não pode acontecer, ou será um crescimento distorcido. E como não há duas crianças que sejam exatamente iguais somos solicitados a adaptar-nos especificamente às necessidades de cada criança. Isso significa que quem quer que esteja cuidando de uma criança deve conhecer essa criança e trabalhar na base de uma estimulante relação pessoal com essa criança, não na base de algo aprendido e aplicado mecanicamente. Se estivermos confiavelmente presentes e formos coerentes com nós mesmos, podemos fornecer a estabilidade que não é rígida, mas viva e humana, e isso faz a criança sentir-se segura. É em relação a isso que a criança pode crescer, que ela pode absorver e copiar. (WINNICOTT, [1960-1993]/1999, p. 103)

Outra característica da maternagem satisfatória referida por Winnicott é uma relação pessoal, confiável, presente, coerente, estável, flexível, viva, humana e segura com a criança.

a mãe sabe que deve se manter vivaz e fazer o bebê sentir e ouvir sua vivacidade. Sabe que precisa adiar seus próprios impulsos até a época em que a criança possa utilizar sua existência separada de modo positivo. Sabe que não deve deixar a criança por mais minutos, horas ou dias acima da capacidade

da mesma de conservar a lembrança dela vivaz e amiga. Se deve se afastar por tempo demasiado terá de “mimar” seu filho para tê-lo de volta (se não é demasiado tarde) ao estado em que tem a mãe como certa, novamente.
(WINNICOTT, 1962/1983, p. 68)

A mãe precisa oferecer uma presença viva para o seu bebê e renunciar os próprios impulsos até que a criança avance o nível de sua dependência. É sua atribuição não deixar a criança só por mais tempo do que ela seja capaz de guardar a imagem da mãe dentro de si.

Entende-se por presença viva da mãe o oferecimento de seu corpo ao bebê, a sua disponibilidade de estar com ele, a sua presença física e emocional, a fim de que se crie um ambiente emocional necessário para o seu desenvolvimento nos primórdios da vida.

A vivacidade da mãe também é demonstrada pelo prazer com que realiza suas tarefas em relação ao bebê e especialmente quando é capaz de se colocar no lugar da criança e se identificar com suas necessidades (WINNICOTT, 1964/2013a).

3.1.9 “AGORA ESTÃO COM CINCO ANOS” – CONVERSANDO COM OS PAIS

O bebê parte de um controle mágico do meio ambiente – se lhe forem dispensados bons cuidados – e cria o mundo de novo, incluindo a mãe e a maçaneta da porta. Aos cinco anos de idade, a criança passou a ser capaz de perceber a mãe como ela é, a reconhecer um mundo de maçanetas de portas e outros objetos que existiam antes de sua concepção, e a admitir o fato da dependência justamente na época em que está ficando verdadeiramente independente.
(WINNICOTT, [1962-1993]/1999, p. 135)

A experiência da maternagem suficientemente boa permite ao bebê, aos poucos, seguir seu desenvolvimento, partindo de uma dependência absoluta, passando pela dependência relativa, rumo à independência. Nessa interação mãe-bebê, quando os cuidados são adequados às necessidades do bebê, o bebê encontra o que procura e, dessa forma, sente que criou o mundo.

3.1.10 “CARTAS DAS MINHAS OUVINTES” – OS BEBÊS E SUAS MÃES

o mais importante é proporcionar as condições certas para o desenvolvimento dos processos naturais. (WINNICOTT, [1952-1987]/2020, p. 143)

As condições certas para o desenvolvimento do bebê ou da criança eram definidas como aquelas que se adaptavam às suas necessidades básicas individuais. Essa adaptação é bem-sucedida quando a dependência é total do bebê em relação à mãe (WINNICOTT, 1988/1990).

Winnicott ressalta que a mãe é a pessoa certa para atender adequadamente às necessidades do bebê porque ela é capaz de amar verdadeiramente o bebê, sem ressentimentos. A mãe é que tem condições de cuidar do bebê de forma simples, constante e espontânea. A mãe é a que pode amar fisicamente o bebê, ao ter uma experiência corporal com ele.

3.2 SUSTENTAÇÃO/SEGURANÇA

A sustentação consiste no ato de a mãe segurar o bebê em seus braços, oferecendo-lhe segurança e viabilizando o processo de integração. Os cuidados suficientemente bons permitem que o bebê possa vir a se tornar uma pessoa, uma unidade, um *eu sou*. Essa integração só é possível se o bebê é amado por seu cuidador que, nessa fase da vida, se traduz em cuidados físicos, em ter as necessidades atendidas satisfatoriamente (WINNICOTT, [1955-1984]/2012).

3.2.1 “DE NOVO EM CASA” – PRIVAÇÃO E DELINQUÊNCIA

é a segurança real propiciada pelo lar que libera a criança para brincar e desfrutar de outras maneiras de sua habilidade para enriquecer o mundo saído de sua própria cabeça.

[...] por mais simples que seja o lar de uma criança, valerá para ela mais do que qualquer outro lugar.

[...] Os pais terão que ser capazes de mostrar força e firmeza em suas atitudes para com os filhos, e também compreensão e amor. (WINNICOTT, [1945-1984]/2012], pp. 55-58)

Nessas três citações, podemos notar que são os pais que garantem a segurança do lar à criança e que permitem que ela explore o mundo por meio da brincadeira. Para a criança, o que é importa é o sentimento de segurança que o lar proporciona, inde-

pendentemente da simplicidade que possui. Os pais têm de ser firmes em suas atitudes com a criança, demonstrando compreensão e amor (WINNICOTT, [1955-1984]/2012).

3.2.2 “O QUE SABEMOS A RESPEITO DE BEBÊS QUE CHUPAM PANO?” – CONVERSANDO COM OS PAIS

Falam-me sobre toda a espécie de objetos que foram adotados pelo bebê, que se tornaram importantes, que são chupados ou abraçados, e que reconfortam o bebê nos momentos de solidão e insegurança, proporcionam consolo, ou atuam como um sedativo.

[...] esse primeiro objeto é estabelecido como parte integrante do conteúdo do berço ou do carrinho do bebê. (WINNICOTT, [1956-1993]/1999, p. 20)

Esse objeto que confere segurança e conforto ao bebê é o objeto transicional, que é simultaneamente uma criação sua e parte da realidade externa. É esse objeto que permite o contato da psique do indivíduo com a realidade externa (WINNICOTT, [1955-1984]/2012).

3.2.3 “DIZER ‘NÃO’ – CONVERSANDO COM OS PAIS

Acho que você deve decidir simplesmente quando dizer “não” e manter-se firme. (WINNICOTT, [1960-1993]/1999, p. 30)

pais parece-me que eles aparecem pela primeira vez no horizonte do bebê como aquele aspecto inflexível na mãe que a habilita a dizer “não” e a sustentar a negativa com firmeza. (WINNICOTT, [1960-1993]/1999, p. 47)

Winnicott recomenda às mães que, quando disserem “não” aos filhos, se mantenham firmes nessa decisão, a fim de demonstrar segurança.

Os pais surgem para o bebê como a figura que facilita o dizer não da mãe, apoiando-a com firmeza.

3.2.4 “CIÚME” – CONVERSANDO COM OS PAIS

Só poderemos tornar uma criança capaz de brincar se a protegemos, tolerarmos e esperarmos, e por centenas de coisas que fazemos sem pensar que assim estamos facilitando o desenvolvimento da criança. (WINNICOTT, [1960-1993]/1999, p. 68)

Se os pais têm condições de proteger, tolerar e esperar, podem auxiliar uma criança a se desenvolver e ser capaz de brincar.

3.2.5 “O QUE IRRITA?” – CONVERSANDO COM OS PAIS

Contudo, as histórias continuarão sendo repetidas, e fielmente repetidas, e as crianças continuarão precisando desses territórios limitados que conhecem em detalhe e nos quais não há surpresas. É essa certeza de que não haverá surpresas que propicia e facilita o repouso, e prepara o caminho para deslizar para o sono. (WINNICOTT, [1960-1993]/1999, pp. 94-95)

Quando a criança mora em um ambiente tranquilo, que não lhe surpreende, e pode contar com uma rotina e repetições, isso facilita o repouso e favorece o sono. A criança pode dormir tranquilamente porque se sente segura.

Existe um limite, e o tempo todo, à medida que cada criança cresce, o limite vai ficando cada vez mais claramente definido para as exigências que um filho pequeno tem o direito de fazer à mãe. E quem fixará esse limite? Em certa medida, a mãe acha que pode gradualmente defender-se. (WINNICOTT, [1960-1993]/1999, p. 99)

Conforme as crianças vão crescendo, os limites vão mudando e ficam mais definidos, e é a mãe quem os impõe.

3.2.6 “SEGURANÇA” – CONVERSANDO COM OS PAIS

Sempre que se tenta enunciar as necessidades básicas de bebês e crianças pequenas, ouvimos as palavras “o que as crianças precisam é de segurança”.

[...] É certamente um sinal de crescimento saudável quando as crianças começam a ser capazes de desfrutar a liberdade que lhes pode ser dada de forma crescente. Qual é o nosso objetivo ao criarmos os filhos? Esperamos que cada criança adquira gradualmente sentimento de segurança. Deve existir no íntimo de cada criança uma crença em algo; não só algo que é bom mas algo que é confiável e duradouro, ou que se recupera depois de ter sido magoado ou de se ter consentido que perecesse. (WINNICOTT, [1960-1993]/1999), pp. 101-102)

O objetivo dos pais é criar os filhos e transmitir-lhes o sentimento de segurança.

Quando oferecemos segurança, estamos fazendo duas coisas ao mesmo tempo. Por um lado, em virtude da nossa ajuda, a criança está a salvo do inesperado, das inúmeras intrusões indesejáveis e de um mundo que ainda não é conhecido ou entendido. E também, por outro lado, a criança é protegida por nós de seus próprios impulsos e dos efeitos que esses impulsos poderiam produzir. Seria quase desnecessário lembrar-lhes que as crianças muito pequenas precisam de total assistência e não podem progredir por iniciativa própria. Têm de ser seguras, transportadas, lavadas, alimentadas, mantidas na temperatura certa e protegidas de correntes de ar e de pancadas. Precisam que seus impulsos sejam satisfeitos e que orientemos sua espontaneidade. Não há muitas dificuldades nesse estágio inicial porque, na maioria dos casos, cada bebê tem uma mãe e, durante esse período, a mãe preocupa-se quase exclusivamente com as necessidades de seu bebê. Nesse estágio, a criança está segura. Quando a mãe é bem-sucedida em tudo o que faz no começo, o resultado é uma criança cujas dificuldades realmente não decorrem das interferências do mundo, mas da vida e do conflito que acompanha os sentimentos vitais. Portanto, em circunstâncias sumamente satisfatórias, na segurança suficientemente boa dos cuidados dispensados à criança, esta começa a viver uma vida pessoal e individual. (WINNICOTT, [1960-1993]/1999, p. 104)

Com a segurança, os pais transmitem confiabilidade, orientam a espontaneidade da criança e a auxiliam a viver uma vida pessoal e individual.

boas condições nos estágios iniciais da vida levam ao surgimento de um sentimento de segurança, e o sentimento de segurança leva ao autocontrole, e quando o autocontrole é um fato então a segurança que é imposta é um insulto. (WINNICOTT, [1960-1993]/1999, p. 107)

O sentimento de segurança conduz ao autocontrole e, portanto, à autoconfiança. Em caso de haver a tentativa de um outro pretender controlar o indivíduo autoconfiante, esse controle será entendido como insulto.

3.2.7 “CONHECENDO SEU BEBÊ” – OS BEBÊS E SUAS MÃES

Talvez você queira saber o que dá origem ao processo que, um dia, levará o bebê a sentir que é uma pessoa completa e que você é igualmente uma pessoa completa. Isso acontece ao longo do tempo, por meio da repetição das experiências comuns da rotina do bebê. É por esse motivo que as mães estabelecem uma rotina ordenada e se mantêm fiéis a ela. Em pouco tempo, surge uma sequência de alimentação, banho, troca de fralda e sono, que é a base da vida de um recém-nascido. As mães se esforçam ao máximo para garantir que nenhuma complicação bagunce todas as coisas. Se em duas ocasiões uma porta bater bem na hora em que o bebê estiver se virando para buscar o mamilo, ele concluirá naturalmente que buscar-aquilo-que-quer causa dor no ouvido e, assim, deixará de mamar. E é por isso que você fecha a porta com cuidado e procura muitas maneiras de criar uma atmosfera calma e controlada nas primeiras vezes em que vai amamentar. Apenas diante da monotonia desse cenário você consegue acrescentar doses diárias de riqueza pessoal de modo seguro e útil. (WINNICOTT, [1945-1987]/2020, pp. 137-138)

Não é à toa que um recém-nascido tem uma rotina de cuidados tão definida e com horários tão marcados. Isso está a serviço da segurança oferecida pela mãe ao bebê.

3.3 CONFIABILIDADE

Os pais se mostram confiáveis aos filhos ao se disponibilizarem e se identificarem com as suas necessidades. Essa confiabilidade é construída a partir do que os filhos esperam de seus pais (WINNICOTT, 1965/2011e).

A confiabilidade se caracteriza pela previsibilidade dos pais em oferecer uma continuidade do ambiente humano para que as experiências de dependência dos filhos possam ser vividas. A mãe evita que algo inesperado desestabilize o bebê, garantindo comportamentos regulares, constantes e consistentes.

Quando a mãe proporciona ao bebê condições que satisfazem suas necessidades, permitindo uma continuidade de ser, viabiliza, também, situações de não integração ou relaxamento, visto que o bebê confia no modo como é segurado (DIAS, 2014).

Em uma relação confiável, a mãe proporciona ao bebê a experiência de criar aquilo que encontra, ou seja, o bebê encontra/cria a necessidade exatamente no tempo em que precisa. Além disso, uma mãe confiável facilita a possibilidade de retorno do filho, que é uma necessidade para toda a vida. Independentemente da idade cronológica, há situações em que o indivíduo necessita retornar à dependência e experienciar imaturidades, e isso é sinal de saúde (DIAS, 2014).

3.3.1 “MADRASTAS E PADRASTOS” – CONVERSANDO COM OS PAIS

a criança que perdeu o pai ou a mãe não pode ser tratada como se isso não tivesse acontecido e é frequentemente preferível que a madrasta ou o padrasto permitam ser chamados por um outro nome a fim de que a criança possa conservar “mamãe” ou “papai” para referir-se a quem morreu. A ideia da mãe ou pai que se perdeu pode manter-se viva e a criança ser consideravelmente ajudada pela atitude que torna isso possível. Também foi sublinhado que a criança de quem se passou a tomar conta pode estar perturbada; e neste caso especial de uma criança que não era amada, o menino tinha passado um período com a avó antes de ir viver com a madrasta, pelo que sofreu uma dupla privação e era passível, por conseguinte, de sentir-se desamparado a respeito do relacionamento e da confiabilidade humanos. Se uma criança se sente assim desamparada, não pode correr o risco de iniciar novos vínculos e defende-se contra os sentimentos profundos e contra as novas dependências. (WINNICOTT, [1955-1993]/1999], pp. 13-14)

A confiabilidade na mãe é tão importante que, caso isso não aconteça, a criança se sente desamparada, dificultando a formação de outros vínculos e defendendo-se de sentimentos profundos e novas dependências.

3.3.2 “O QUE SABEMOS A RESPEITO DE BEBÊS QUE CHUPAM PANO?” – CONVERSANDO COM OS PAIS

a criança está presente como pessoa e, além disso, confiante no relacionamento com a mãe. (WINNICOTT, [1956-1993]/1999, p. 23)

Por meio da observação de bebês, foi possível aprender que o bebê não é apenas um corpo, mas uma pessoa (WINNICOTT, 1949/2013), considerando a sua capacidade elaborativa por meio das brincadeiras. A mãe, desde o início, é capaz de ver a pessoa no bebê, interagindo com ele de forma lúdica.

3.3.3 “DIZER ‘NÃO’” – CONVERSANDO COM OS PAIS

no começo, a mãe, em breve ambos os pais, passam a incumbir-se da tarefa de impedir que coisas inesperadas aconteçam. [...] O bebê sente-se seguro e absorve a confiança da mãe em si mesma, como se estivesse ingerindo leite. Durante todo esse tempo os pais estão dizendo “não”, estão dizendo “não” ao mundo, dizem “não”, não se aproxime, fique fora do nosso círculo; no nosso círculo está a coisa que é objeto do nosso desvelo e não permitimos que nada ultrapasse essa barreira. Se um dos pais fica assustado, então algo cruzou a barreira e faz mal à criança, tanto quanto se um ruído terrível a tivesse penetrado e provocado no bebê uma sensação insuportável. (WINNICOTT, [1960-1993]/1999, p. 44)

Ao proteger os filhos de imprevistos, os pais transmitem confiança e segurança. O bebê absorve a autoconfiança da mãe. Caso os pais permitam que algo perturbe a criança, a confiança ficará abalada.

3.3.4 “CIÚME” – CONVERSANDO COM OS PAIS

Quando pensamos em tudo o que ocorre na criança pequena enquanto os dias e as semanas passam, podemos facilmente ver por que há a necessidade de um ambiente confiável, e isso é justamente o que, melhor do que ninguém, você pode dar ao seu filho. (WINNICOTT, [1960-1993]/1999a, p. 62)

Winnicott destaca que o melhor que os pais podem oferecer aos seus filhos é um ambiente confiável. Tudo o mais resultará dessa relação de (des)confiança.

Fiz questão de dizer o tempo todo que esses desenvolvimentos no bebê e na criança pequena não podem ocorrer de forma satisfatória sem algo que você pode fornecer, o relacionamento estimulante em que a criança encontra uma espécie importante de confiabilidade, aquela que depende de você ser o que você é. A par dessa coisa geral que você fornece, há certas coisas que você faz que são suscetíveis de alterar profundamente uma situação. Por exemplo, ajudar o filho a predizer o que vai acontecer. (WINNICOTT, [1960-1993]/1999, p. 69)

Ser confiável implica ser o que se é, ser espontâneo, ser verdadeiro com o filho.

embora os principais desenvolvimentos que estão ocorrendo na criança sejam possibilitados porque ela confia em você, também há muitas coisas que você pode fazer para enfrentar momentos especiais de tensão. (WINNICOTT, [1960-1993]/1999, p. 72)

3.3.5 “O DESENVOLVIMENTO DO SENTIDO DE CERTO E ERRADO DE UMA CRIANÇA” – CONVERSANDO COM OS PAIS

o sentimento de bom e mau, como tantas outras coisas, ocorre naturalmente em toda criança, desde que certas condições de cuidado ambiental possam ser consideradas ponto pacífico. Essas condições essenciais não podem ser descritas em poucas palavras, mas consistem principalmente nisto: o meio ambiente deve ser previsível e, no começo, altamente adaptado às necessidades do bebê. (WINNICOTT, [1962-1993]/1999, p. 121)

O desenvolvimento do sentido de certo e errado de uma criança está intimamente ligado a um ambiente previsível, confiável, consistente e estável.

vocês dão aos bebês algo duro, não é verdade? Algo que tem um bom valor de sobrevivência, como uma argola de osso ou com guizos. Porque vocês sabem que é um conforto para o bebê poder morder até o fim alguma coisa. Desse modo, o bebê tem uma oportunidade de desenvolver o uso da fantasia simultaneamente com a ação impulsiva real e esse importante passo resulta da atitude consistente e da confiabilidade geral da mãe. Também essa idoneidade do meio ambiente proporciona as condições adequadas nas quais pode ter lugar o movimento seguinte no rumo ao desenvolvimento. (WINNICOTT, [1962-1993]/1999, p. 123)

O fato de a mãe proporcionar ao bebê algo que possa morder até o fim favorece a confiabilidade.

3.3.6 “AGORA ESTÃO COM CINCO ANOS” – CONVERSANDO COM OS PAIS

O cercado foi fornecido pelo pai e pela mãe, pela família, pela casa e o pátio, e pelas visitas, ruídos e cheiros familiares. Também pertence ao seu próprio estágio de imaturidade e à sua confiança na confiabilidade dos pais, e à natureza subjetiva do mundo infantil. O cercado foi um desenvolvimento natural dos braços maternos que o envolveram quando era um bebê. (WINNICOTT, [1962-1993]/1999, p. 129)

Ao longo da vida e do desenvolvimento emocional do indivíduo, a confiança na mãe vai se estendendo também para o pai, para a família e para a casa, de acordo com os cuidados recebidos. Essa confiança estendida a outras pessoas e coisas familiares depende do estágio de imaturidade do bebê, da sua subjetividade e do grau de confiança na confiabilidade dos pais.

3.3.7 “ESPERANDO PELA CHEGADA DO BEBÊ” – OS BEBÊS E SUAS MÃES

O cuidado habilidoso com o corpo não é suficiente! Eu diria que, nesse momento, todas as mulheres precisam de um médico que possam conhecer e em quem possam confiar, um médico que demonstre interesse pessoal nela e no aguardo do bebê. A mãe deve confiar tanto em seu médico a ponto de saber que, mesmo quando estiver inconsciente, ele não negligenciará seu caso. Isso também vale para as enfermeiras. Obviamente, o melhor seria que o mesmo médico a acompanhasse durante toda a gestação e que a mesma enfermeira estivesse com você antes e depois do parto. (WINNICOTT, [1945-1987]/2020b, pp. 131-132)

Nesse trecho, Winnicott se refere ao momento do parto e defende que a mãe deve confiar em seu médico e nas enfermeiras, ainda quando estivesse inconsciente. E acrescenta que seria recomendável que o mesmo médico e a mesma enfermeira acompanhassem o pré-natal da gestante e o puerpério da mãe. Por ser um momento de fragilidade da mãe, é muito importante que a confiança nos profissionais da saúde esteja presente desde o início da gestação até o pós-parto.

3.4 DEPENDÊNCIA

Winnicott descreve três estágios progressivos de dependência no desenvolvimento emocional do indivíduo: a dependência absoluta, a dependência relativa e rumo à independência. O indivíduo possui uma tendência inata ao amadurecimento, porém nunca atinge a independência total.

Nos estados iniciais, o bebê tem uma dependência absoluta da mãe, pois ele não existe sem a provisão ambiental, os cuidados maternos: o bebê é parte da mãe. Nessa fase, o bebê ainda não é uma unidade. A dependência absoluta se define como a dependência que o bebê tem em relação à mãe para poder ser. A mãe também depende do bebê para poder ser mãe. Assim, a dependência entre ambos é recíproca.

Com o decorrer do desenvolvimento e a incorporação dos cuidados maternos pelo bebê, o ambiente mãe começa a se transformar em algo separado dele. Nesse período, a mãe também se encontra em estado de dependência, necessitando de cuidados do parceiro, da família e da rede de apoio.

Conforme o bebê vai crescendo, o grau de dependência da mãe se modifica, tornando-se menor. Nesse momento, a mãe pode realizar a desadaptação do bebê e incluir substitutos de seus cuidados para atender às necessidades do bebê. Aos poucos, o pai, a família, a escola e os grupos sociais vão ocupando o lugar de cuidadores do bebê. Se os cuidados maternos forem suficientemente bons, o bebê conquista a integração, o estado de unidade. É a fase de dependência relativa.

A partir daí, o processo de amadurecimento do indivíduo continua em direção à independência.

O adulto maduro é capaz de objetividade, sem perder o contato com o mundo imaginativo pessoal. Ele faz concessões à sociedade por meio de um falso si mesmo instrumental sem perder o fio que liga a si mesmo, isto é, sem perda da espontaneidade e da criatividade originárias. (DIAS, 2014, p. 275)

Com a conquista do estágio do *eu sou*, o bebê estabelece uma base em que a vida vale a pena ser vivida. Espera-se que os pais sejam adultos, maduros e com relativa independência e maturidade para poder cuidar de seus filhos.

3.4.1 “MADRASTAS E PADRASTOS” – CONVERSANDO COM OS PAIS

havia dependência absoluta no início e quando a criança começa a ser capaz de compreender isso desenvolve-se também um medo da mãe primitiva, detentora de poderes mágicos para o bem e para o mal. Como é difícil para cada um de nós ver que esse onipotente agente primevo era a nossa própria

mãe, alguém que passamos a conhecer como um ser humano adorável, mas de modo nenhum perfeito ou inteiramente confiável. (WINNICOTT, [1955-1993]/1999, p. 12)

Winnicott chama a atenção para a dificuldade que todos nós temos de compreender a nossa própria mãe, que é tão onipotente no início da vida, como um ser humano imperfeito e, conseqüentemente, que pode falhar na confiabilidade que oferece.

3.4.2 “AGORA ESTÃO COM CINCO ANOS” – CONVERSANDO COM OS PAIS

Pode ter chegado a reconhecer um padrão na relutância dele em dar novos passos ou explorar o desconhecido. Em cada um desses estágios, estava ameaçada de perder a dependência de seu filho de você. Estava no processo de adquirir um filho com independência e um ponto de vista pessoal sobre a vida, e embora você pudesse entender as vantagens disso não conseguia fazer a necessária liberação de sentimentos. Existe uma relação muito estreita entre o estado de espírito vagamente depressivo – essa preocupação com ansiedades indefinidas – e a capacidade de uma mulher para dar toda a sua atenção a um filho pequeno. Não posso realmente falar de uma coisa sem fazer referência à outra. A maioria das mulheres vive, suponho eu, numa área limítrofe. (WINNICOTT, [1962-1993]/1999, p. 134)

O autor comenta que as mães oscilam entre um estado depressivo e a capacidade de estarem disponíveis para os seus filhos. Muito embora as mães almejem a independência de seus filhos, inconscientemente apresentam dificuldades em perder a dependência dos filhos. Essas duas situações podem afetar a confiabilidade que os filhos têm na mãe.

3.5 SOBREVIVÊNCIA

A sobrevivência das mães pode ser descrita pela capacidade de sentir ódio contra o filho sem manifestá-lo. Sobreviver é conseguir tolerar o ódio quando for agredida pelos filhos por tê-los frustrado ou falhado; é dar estabilidade aos filhos, não expondo-os aos próprios impulsos; é não retaliar e continuar sendo a mesma pessoa confiável. A partir do momento em que a mãe sobrevive, é possível o amadurecimento do indivíduo e a separação entre fato e fantasia. A criança se sente segura, pois a pessoa amada, no caso a mãe, pode se defender do ódio e perdoar (DIAS, 2014).

3.5.1 “DE NOVO EM CASA” – PRIVAÇÃO E DELINQUÊNCIA

Já mencionei a necessidade de dar férias ao autocontrole. Poderei dizer que, para que uma criança possa descobrir a parte mais profunda de sua natureza, alguém terá que ser desafiado e até, por vezes, detestado; e quem, senão os próprios pais, poderá ser detestado sem haver o perigo de um rompimento completo do relacionamento? (WINNICOTT, [1945-1984]/2012], p. 57)

Ser capaz de ser desafiado e detestado sem ameaça de desfazer o relacionamento é um exemplo de sobrevivência esperado pelos pais.

3.5.2 “MADRASTAS E PADRASTOS” – CONVERSANDO COM OS PAIS

as crianças poderão detestar suas mães. Essa ideia de odiar a mãe é muito difícil de ser aceita por todos e alguns que estão ouvindo não gostarão de escutar as palavras de ódio e mãe postas na mesma frase. Entretanto, isso é inevitável; as mães, se realizam sua tarefa de modo apropriado, são as representantes do mundo duro, exigente, e são elas que introduzem gradualmente a realidade, a qual é tão frequentemente inimiga do impulso. Existe raiva em relação à mãe e o ódio está sempre presente, mesmo quando não há a menor dúvida quanto a um amor misturado com adoração. (WINNICOTT, [1955-1993]/1999, p. 11)

Há aqui a revelação da idealização da maternidade, quando o autor menciona “alguns que estão ouvindo não gostarão de escutar as palavras de ódio e mãe postas na mesma frase” (WINNICOTT, [1955-1993]/1999, p. 11), como se a relação mãe-filho não tivesse ambivalências. O autor destaca que é inevitável sentir ódio e que uma mãe suficientemente boa é destinatária do ódio do filho, na medida em que é ela que introduz os primeiros dados de realidade para o filho.

3.5.3 “O QUE IRRITA?” – CONVERSANDO COM OS PAIS

cada criança “invade” a mãe e reclama tudo o que aí houver, e quero acrescentar agora que, se aí encontrar qualquer coisa, a criança usa-a, e usa-a até esgotá-la. Não é dado quartel, não há misericórdia nem meias medidas. A mãe é tratada com rudeza. Sua fonte de energia é alcançada e aberta, e

com enfadonha repetição exaurida. Seu principal trabalho é a sobrevivência. (WINNICOTT, [1960-1993]/1999, p. 94)

As crianças costumam demandar muito das mães, usando-as para atender suas necessidades específicas. E isso normalmente ocorre com a exploração de todos os recursos que a mãe possui até atingir a exaustão. Nessas situações, a função da mãe é sobreviver.

3.5.4 “SEGURANÇA” – CONVERSANDO COM OS PAIS

A mãe, após o período inicial de proteção, deixa gradualmente entrar o mundo, e a criança individual aproveita agora toda e qualquer nova oportunidade de livre expressão e de ação impulsiva. Essa guerra contra a segurança e o controle prossegue durante toda a infância; no entanto, o controle continua sendo necessário. Os pais continuam a postos com uma estrutura disciplinar, com as muralhas de pedra e as barras de ferro, mas na medida em que sabem como cada criança é e na medida em que estão interessados na evolução de seus filhos como pessoas veem com bons olhos o desafio. Continuam funcionando como guardiões da paz, mas esperam a indisciplina, uma certa anarquia e até revolução. Felizmente, na maioria dos casos, o conforto é obtido para as crianças e para os pais através da vida de imaginação e da atividade lúdica, e mediante as experiências culturais. (WINNICOTT, [1960-1993]/1999, p. 105)

Durante a infância, os pais costumam exercer certo controle em relação aos filhos com o intuito de protegê-los dos perigos do mundo e de sua própria agressividade. Os pais, quando interessados no bom desenvolvimento dos filhos, encaram as dificuldades que surgem como desafios. No decorrer da vida, os pais continuam sendo os apaziguadores, que, por meio de brincadeiras e experiências culturais sobrevivem aos conflitos dos filhos.

As crianças saudáveis necessitam de pessoas que continuem exercendo o controle, mas as disciplinas devem ser proporcionadas por pessoas que possam ser amadas e odiadas, desafiadas ou de que se dependa; os controles mecânicos são inúteis e tampouco o medo pode ser um bom motivo para a obediência. (WINNICOTT, [1960-1993]/1999, pp. 106-107)

A sobrevivência dos pais também acontece pelo controle que exercem sobre os filhos, em relação aos quais podem ser dependentes. Não há efeitos se o controle exercido pelos pais for metódico e artificial, pois o medo não pode ser o fundamento para a obediência aos pais.

3.5.5 “O DESENVOLVIMENTO DO SENTIDO DE CERTO E ERRADO DE UMA CRIANÇA” – CONVERSANDO COM OS PAIS

o mundo infantil seria um lugar aterrador, se não fosse o papel protetor da mãe que, de um modo geral, encobre esses medos enormes que pertencem à experiência inicial de vida do bebê. A mãe (e não estou esquecendo o pai) altera a qualidade dos medos da criança pequena por ser um ser humano. Ela é aos poucos reconhecida por ele como um ser humano. Assim, em vez de um mundo de retaliações mágicas, a criança adquire uma mãe que compreende e que reage aos impulsos da criança. Mas a mãe pode ser magoada ou ficar zangada. Quando digo as coisas deste modo, vocês podem perceber imediatamente que faz uma imensa diferença para a criança se as forças retaliatórias foram humanizadas. Em primeiro lugar, a mãe conhece a diferença entre destruição total e a intenção de destruir. (WINNICOTT, [1962-1993]/1999, p. 122)

Como é importante ter pais protetores e sobreviventes desde o início de vida do bebê! Pais com essas qualidades são capazes de amenizar os medos de uma criança. Tanto a mãe como o pai sabem discernir quando a criança tem o desejo inconsciente de destruir o objeto como quando a criança pretende destruir totalmente o objeto em sua concretude.

Mas as mães sobrevivem e os bebês têm uma oportunidade de consolidar sua segurança através da sobrevivência materna. (WINNICOTT, [1962-1993]/1999, p. 123)

3.6 REPARAÇÃO DOS DANOS

Para que alguém consiga reparar algo, antes se faz necessário que possa ser um eu, ter alcançado o estágio do concernimento e a capacidade de sentir culpa. A mãe pode facilitar a reparação de danos quando reconhece e comunica à criança que foi machucada ou ferida. Ela demonstra para o filho que está viva, que sente e se defende, po-

rém, sem revidar. Quando essa dinâmica se repete por diversas vezes, a mãe oferece à criança a oportunidade de acreditar na possibilidade de reparação, de suportar a culpa e estar livre para amar (DIAS, 2014).

Quando o indivíduo conquista o estágio do *eu sou*, é capaz de ter sentimentos ambivalentes pela mãe, e a única saída para essa situação é “tornar-se preocupado pelos danos causados e, com a ajuda da mãe [...], assumir a responsabilidade pelos resultados danosos” (LOPARIC, 2013, p. 27).

Portanto, é atribuição da mãe favorecer a reparação de danos feita pelo filho pela sua postura de sobrevivência aos ataques recebidos e à continuidade dos cuidados suficientemente bons.

3.6.1 “DE NOVO EM CASA” – PRIVAÇÃO E DELINQUÊNCIA

No regresso da criança, aqueles que conseguiram manter um lar coeso durante esses anos de amarga separação podem agora começar, como pai e mãe, a reparar o dano causado ao desenvolvimento de seus filhos pela falta de continuidade em sua criação. Os pais assumiram juntos a responsabilidade pela vinda dos filhos ao mundo, e acredito que estejam ansiosos por assumir juntos, uma vez mais, essa responsabilidade, mas desta vez para torná-los capazes de se desenvolverem como cidadãos. (WINNICOTT, [1945-1984]/2012, p. 57)

Winnicott recomendava aos pais das crianças evacuadas durante a Segunda Guerra que reparassem o dano causado aos filhos devido a separação abrupta e falta de continuidade dos cuidados parentais. Advertia-os que eram responsáveis por seus filhos e que naquele momento tinham a tarefa de torná-los bons cidadãos.

3.7 RESPONSABILIDADE

3.7.1 “DE NOVO EM CASA” – PRIVAÇÃO E DELINQUÊNCIA

Não é apenas o alimento ou o teto que conta, e nem mesmo o lazer proporcionado, embora essas coisas sejam, sem dúvida, bastante importantes. Mas mesmo que sejam fornecidas em abundância, o essencial estará faltando se os próprios pais, ou os pais adotivos, ou os guardiões da criança não forem pessoas que assumam a responsabilidade pelo seu desenvolvimento. (WINNICOTT, [1945-1984]/2012, p. 57)

Uma das funções mais importantes dos pais ou de qualquer cuidador que seja responsável pela criança é a responsabilidade pelos filhos. Muitas coisas podem faltar nos pais ou num lar, porém, se os pais não assumirem a responsabilidade por seus filhos, isso é um fracasso na relação parental.

3.7.2 “DIZER ‘NÃO’” – CONVERSANDO COM OS PAIS

É responsabilidade da mãe que uma criança não fique perambulando pela cozinha, e isso é tudo. Quer dizer, isso só pode ser responsabilidade nossa. (WINNICOTT, [1960-1993]/1999, p. 32)

Em primeiro lugar, você é absolutamente responsável o tempo todo. (p. 34)

Primeiro temos aquela fase em que você assume plena responsabilidade, de modo que, se algo de desagradável acontece, você se recrimina, e essa fase só se torna obsoleta muito lentamente. (p. 35)

Em primeiro lugar, disse eu, você é envolvida num processo em que é, de fato, totalmente responsável pela proteção do bebê.

[...] a mãe é plenamente responsável. Você estará apta a dizer, depois de alguns meses, que nunca, nem uma única vez, deixou de atender aos chamados do seu bebê, embora tivesse de ser, é claro, uma pessoa frustradora o tempo todo, porque não podia, e ninguém poderia, satisfazer todas as necessidades do bebê – uma tarefa que a mãe não tem de realizar. (p. 37)

Quero repetir, porém, que nada absolve a mãe de bebês e crianças pequenas de sua tarefa de eterna vigilância. (p. 40)

Você assume plena responsabilidade, uma responsabilidade que vai diminuindo mas só termina quando o filho atingiu a idade adulta, quer dizer, quando acabou a necessidade dos controles que a família fornece. (p. 43)

Dessa primeira etapa, na qual os pais se supõem responsáveis, resulta o sentimento de responsabilidade parental – aquilo que distingue os pais dos filhos. (p. 45)

Aqui há uma sequência de situações em que os pais devem ser responsáveis pelos seus filhos: a) quando uma criança está na cozinha e pode se machucar com algo; b) os pais são responsáveis o tempo todo, sem pausa; c) os pais assumem a responsabilidade pelas coisas erradas que os filhos fazem quando são pequenos, e isso vai diminuindo com o passar do tempo; d) são totalmente responsáveis pela proteção do bebê;

e) são responsáveis pelas frustrações aos seus filhos; f) são responsáveis pela eterna vigilância dos filhos; são responsáveis pelo filho até sua vida adulta; g) há um sentimento de responsabilidade parental que distingue os pais dos filhos, que demarca as gerações.

3.7.3 “CIÚME” – CONVERSANDO COM OS PAIS

Você e o pai da criança compartilham a sua responsabilidade de todas as maneiras possíveis. (WINNICOTT, [1960-1993]/1999, p. 72)

O pai e a mãe têm corresponsabilidade em relação à criança.

3.7.4 “SENTIMENTO DE CULPA” – CONVERSANDO COM OS PAIS

Parece-me que o que você está dizendo é que é realmente necessário para as pessoas duvidarem de si mesmas a fim de se sentirem plenamente responsáveis. (WINNICOTT, [1961-1993]/1999, p. 117)

Winnicott acreditava que o sentimento de culpa das mães é o que as fazia duvidar da própria maternagem e, dessa forma, assumir a responsabilidade pelos cuidados da criança. Caso não sentissem culpa, talvez não despertassem para o senso de responsabilidade de seus filhos.

3.8 HUMANIDADE/FALIBILIDADE

A humanidade dos pais é demonstrada quando estes podem ser eles mesmos, espontâneos, e assumem os erros que cometem. Além disso, apresentam sua humanidade quando são capazes de aceitar que podem falhar com seus filhos e que também têm as suas vulnerabilidades.

Winnicott acreditava que o cuidado era exercido por pessoas imperfeitas, tanto os pais como analistas e médicos. Ele reconhecia as limitações humanas e sabia que só se podia esperar perfeição das máquinas.

não há crescimento emocional, no entanto, a não ser em relação à provisão ambiental, que precisa ser satisfatória. Pode-se notar que a palavra “perfeito” não entra nessa frase. A perfeição pertence às máquinas, e as imperfeições próprias da adaptação humana às necessidades constituem uma característica essencial do meio ambiente facilitador. (WINNICOTT, 1986/2011, p. 146)

3.8.1 “CIÚME” – CONVERSANDO COM OS PAIS

Na criação de filhos, não se ganha muito em querer visar a perfeição. (WINNICOTT, [1960-1993]/1999, p. 73)

Winnicott advertia os pais para não almejem a perfeição na criação de filhos, o que, de certo modo, contribuía para a desidealização da relação parental.

3.8.2 “CARTAS DAS MINHAS OUVINTES” – OS BEBÊS E SUAS MÃES

Uma gestante que está prestes a dar à luz, sobretudo quando se trata do primeiro filho, precisa muito de médicos e enfermeiras em quem confie, e seria melhor confiar em pessoas no aqui e agora (pessoas que, é claro, são humanas e imperfeitas). (WINNICOTT, [1952-1987]/2020, p. 145)

O autor reforça a necessidade dos pacientes, das mães, nesse caso as gestantes, de confiarem nos médicos e nas enfermeiras quando estão próximas ao parto, por ser um momento tão delicado, porém, considerando a humanidade e falibilidade desses profissionais.

3.9 VERDADE

Faz parte da ética do cuidado os pais serem honestos com os filhos e comunicarem a verdade, sem dissimulações e ambiguidades. Além de criar uma relação de confiança e segurança, a atitude verdadeira e espontânea dos pais interfere na forma como os filhos vão lidar com a realidade. Nessa linha,

enquanto estamos vivos, cada um de nós sente que o contato imediato com a realidade é uma questão vital, e lidamos com ela de acordo com o modo como a realidade nos foi apresentada no início. (WINNICOTT, [1948-1958]/2000], p. 250)

3.9.1 “O DESENVOLVIMENTO DO SENTIDO DE CERTO E ERRADO DE UMA CRIANÇA” – CONVERSANDO COM OS PAIS

Só o que é real e verdadeiro conta para a criança. (WINNICOTT, [1962-1993]/1999, p. 125)

Apenas o que a criança cria e encontra é real para si e, nesse sentido, é verdadeiro para ela.

3.10 MORALISMOS

A mãe e os demais cuidadores não julgam as atitudes dos filhos, nem os rotulam com adjetivos críticos, tampouco aplicam um conjunto de normas a serem seguidas. A mãe cuidadosa conhece a singularidade de seus filhos, suas fragilidades e habilidades. Desse modo, é capaz de atender às necessidades específicas de cada filho, sem impor o próprio ponto de vista. A mãe não moralista respeita o tempo e o modo de pensar dos filhos.

3.10.1 “O QUE SABEMOS A RESPEITO DE BEBÊS QUE CHUPAM PANO?” – CONVERSANDO COM OS PAIS

devemos, em primeiro lugar, livrar-nos da ideia de que existe um certo e um errado. (WINNICOTT, [1956-1993]/1999, p. 19)

Não existe um certo e um errado quando falamos de bebês, porque não existem dois bebês iguais. A necessidade de um bebê não é a mesma do outro bebê e, ao considerarmos essa ideia, temos que nos cuidados com os filhos não cabem julgamentos e moralismos.

3.10.2 “DIZER ‘NÃO’” – CONVERSANDO COM OS PAIS

Você não está tentando lidar com o certo e o errado do ponto de vista moral, está simplesmente levando ao conhecimento do bebê os perigos dos quais o está protegendo. Acho que os “nãos!” maternos se baseiam na ideia de perigos concretos. (WINNICOTT, [1960-1993]/1999, p. 34)

Quando a mãe frustra o bebê em alguma necessidade, está protegendo-o de perigos da realidade externa. Isso não pode ser confundido com a determinação de certo e errado.

3.10.3 “O QUE IRRITA?” – CONVERSANDO COM OS PAIS

Não se trata de uma questão de fazer as coisas certas ou erradas. O que está errado é simplesmente a maneira como as coisas são, o que as faz parecer como se a maneira inversa fosse a coisa certa mas, é claro, não seria. Ou talvez não se dêem conta das muitas coisas que estão correndo bem, mas tudo o que corre mal, nem que seja em proporções insignificantes, vira um problema terrível que resulta em gritos e prantos. (WINNICOTT, [1960-1993]/1999, p. 80)

Nessa passagem, Winnicott alerta os pais para observarem como não prestam atenção aos avanços no desenvolvimento emocional dos filhos, enfatizando apenas aquelas coisas que não correm bem. Essa atitude dos pais contém um julgamento, que não se harmoniza com a ética do cuidado.

3.10.4 “CONHECENDO SEU BEBÊ” – OS BEBÊS E SUAS MÃES

Algumas pessoas dirão que você deve partir do princípio de que não existe nada mais sagrado que a limpeza, que você deve agir de acordo com certas regras e que deve obrigar o bebê a obedecer a elas. Saiba que essas pessoas não conhecem bebês; e certamente não conhecem seu filho, pois você é a única pessoa que teve a chance de conhecê-lo. Ele precisa de você como uma pessoa, não como um conjunto de regras e regulamentos. Algumas diretrizes ajudam, mas cada bebê precisa de alguém que o conheça bem e que esteja interessado em seu ponto de vista. Gradualmente, seu bebê também começará a se interessar pelo seu ponto de vista, entretanto a base para isso é você conhecê-lo e ser capaz de esperar por algo muito mais valioso que ordem e conformidade: o desenvolvimento gradual da capacidade do bebê se importar com o resultado de suas ações e pensamentos. (WINNICOTT, [1945-1987]/2020b, p. 141)

A mãe é a pessoa que mais conhece o bebê, e por esse motivo é capaz de se interessar por seu mundo, por suas necessidades. Ao fazer isso, a mãe cria condições para que o bebê siga o seu desenvolvimento emocional, no seu tempo, até se tornar uma pessoa total. Essa postura materna não condiz com moralismos e julgamentos.

3.11 GRATIDÃO

Dias (2014) nos ensina que o analista não pode esperar gratidão de seus pacientes, pois se assim fosse, os pacientes não se sentiriam acolhidos em sua dependência. Em síntese, é muito doloroso ser dependente quando não se é mais um bebê. Assim também é com os pais, que não podem esperar a gratidão de seus filhos pela função que exercem.

Quando os cuidados parentais são satisfatórios, as crianças não agradecem nem fazem elogios aos pais, pois não têm conhecimento desse fato. Não há débito algum a ensinar a gratidão dos pais, contudo “ninguém deve coisa alguma, mas ninguém atinge a maturidade estável quando adulto se alguém não tivesse se encarregado dele ou dela nas etapas iniciais” (WINNICOTT, [1968-1986]/2011], p. 141). Para que o indivíduo conquiste a fase adulta, é preciso que alguém tenha estado por ele no início da vida.

3.11.1 “DE NOVO EM CASA” – PRIVAÇÃO E DELINQUÊNCIA

Haverá poucas recompensas imediatas. (WINNICOTT, [1945-1984]/2012], p. 57)

Nesse texto, Winnicott se refere aos pais que receberam de volta seus filhos em casa após o término da Segunda Grande Guerra. Com o regresso, a vida dos pais mudaria bastante, com menos liberdade. No entanto, Winnicott incentivava os pais a acreditarem que sua vida seria mais rica e que os cuidados dispensados com os filhos trariam bons resultados futuramente. Não era o caso de esperar gratificações rápidas.

Conforme demonstrado neste capítulo, a ética do cuidado já estava presente em textos anteriores a 1970, ano em que Winnicott escreveu *A cura* (1970/2011). Isso revela o quanto a questão do cuidado é um ponto fundamental, que perpassa toda a sua obra.